

Educando com mel e dendê: saberes dos terreiros, crianças e educação antirracista

Paula Ferreira dos Reis¹

Elaine Monteiro²

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i2558002>

Resumo: Este artigo é resultado da pesquisa de trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Pedagogia. Buscou investigar o terreiro como um espaço de educação e como um lugar que produz uma narrativa da história do povo preto no Brasil, identificando como ocorreu na diáspora africana a resistência à escravidão e à dominação no Candomblé, assim como processos de transmissão de saberes e de afirmação da identidade negra. Se fundamenta e justifica no estudo do racismo estrutural (Almeida, 2019), em sua relação com a escola e com o currículo e em suas implicações e consequências na subjetividade de pessoas negras, em especial as crianças. Apresenta o terreiro de candomblé como espaço de educação, de cultura, de fortalecimento e afirmação da identidade de pessoas negras. Os referenciais teórico-metodológicos da pesquisa tomam por base os conceitos de encruzilhada, de rodópio, de pesquisador-cambono, assim como os de oralidade e oralitura especialmente para tratar a entrevista realizada com Mãe Rosiane Rodrigues de Yemanjá. A partir da entrevista e do diálogo que nela se estabelece, emergem questões como ancestralidade, educação nos terreiros, infância, racismo, problemas enfrentados pelas crianças do candomblé na escola e relação entre o candomblé e a vida.

Palavras-chave: educação nos terreiros de candomblé; infâncias; racismo religioso; racismo na escola.

Educando con miel y dendê: conocimientos de los terreiros, niños y educación antirracista

Resumen: Este artículo es el resultado de un trabajo de investigación para la realización de la Licenciatura en Pedagogía. Buscó investigar el *terreiro* como espacio de educación y como lugar que produce una narrativa de la historia del pueblo negro en Brasil, identificando cómo ocurrieron las resistencias a la esclavitud y la dominación en Candomblé en la diáspora africana, así como los procesos de transmisión de conocimiento y afirmación de la identidad negra. Se fundamenta y justifica en el estudio del racismo estructural, en su relación con la escuela y el currículo y sus implicaciones y consecuencias en la subjetividad de las personas negras, especialmente los niños. Presenta el *terreiro* de Candomblé como un espacio de educación, cultura, fortalecimiento y

¹ Paula Ferreira dos Reis. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: paulareis9562@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-2679-2283>.

² Elaine Monteiro. Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Associada do Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento da Faculdade de Educação da UFF, Brasil. E-mail: elainemonteiro@id.uff.br - <https://orcid.org/0000-0001-6122-3281>

Recebido em 06/04/2023, aceito para publicação em 27/06/2023 e disponibilizado online em 01/09/2023.

afirmación de la identidad del pueblo negro. Los referentes teórico-metodológicos de la investigación se basan en los conceptos de *encrucijada*, *rodopio*, investigador-cambono, así como oralidad y *oralitura*, especialmente para tratar la entrevista realizada a Mãe Rosiane Rodrigues de Yemanjá. De la entrevista y del diálogo establecido en ella, emergen temas como la ascendencia, la educación en los *terreiros*, la infancia, el racismo, los problemas que enfrentan los niños de candomblé en la escuela y la relación entre el candomblé y la vida.

Palabras clave: educación en *terreiros* de candomblé; infancias; racismo religioso; racismo en la escuela.

Educating with honey and dendê: knowledge of the *terreiros*, children and anti-racist education

Abstract: This article is the result of research work for the completion of the Degree in Pedagogy. It aimed at the investigation of the *terreiro* as a space for education and as a place that produces a narrative of the history of the black people in Brazil, identifying how resistance to slavery and domination in Candomblé occurred in the African diaspora, as well as processes of transmission of knowledge and affirmation of black identity. It is based and justified on the study of structural racism, in its relationship with the school and the curriculum and its implications and consequences on the subjectivity of black people, especially children. It presents the Candomblé *terreiro* as a space for education, culture, strengthening and affirmation of the identity of black people. The theoretical-methodological references of the research are based on the concepts of crossroads, whirlpool, researcher-cambono, as well as orality and oral reading specially to deal with the interview carried out with Mãe Rosiane Rodrigues de Yemanjá. From the interview and the dialogue established in it, issues such as ancestry, education in the *terreiros*, childhood, racism, problems faced by candomblé children at school and the relationship between candomblé and life emerge.

Keywords: education in candomblé *terreiros*; childhoods; religious racism; racism at school.

Educando com mel e dendê: saberes dos terreiros, crianças e educação antirracista

Apresentação

Este artigo é resultado de pesquisa realizada em trabalho de conclusão de curso de graduação – Licenciatura em Pedagogia. Minha participação foi a orientação de Paula Ferreira dos Reis, jovem mulher negra, professora, candomblecista. Uma mulher de Oxum determinada que quando chegou até mim já tinha certeza do que queria pesquisar e tinha muito a dizer sobre o seu

trabalho. Por três semestres consecutivos nos encontramos regularmente, fizemos leituras importantes que deram sentido ao trabalho, conversamos muito e a pesquisa fluiu.

Tivemos que tomar algumas decisões: o que fazer com uma entrevista tão rica em saberes, posturas, atitudes? Extrair dela fragmentos e tomar a entrevistada como informante ou transcrevê-la

praticamente na íntegra e conceber a entrevistada como sujeito da pesquisa e do conhecimento? E o caminho que levou Paula até a pesquisa? Uma vida inteira de relações familiares, comunitárias, religiosas que deram a ela um conhecimento tácito sobre o seu objeto de estudo, os processos educativos no terreiro de candomblé. Ela não queria extrair informações de sua entrevistada, mas queria com ela dialogar, inclusive a partir de sua experiência de vida.

Juntas, com uma relação de confiança mútua baseada em estudos e em intensos debates sobre nossas leituras, decidimos tratar os dados da pesquisa com o cuidado e o respeito que Mãe Rosiane, a Mãe de Santo entrevistada, merece, assim como com a dignidade de concebê-la como sujeito do conhecimento e de trazê-la para o texto com suas falas praticamente na íntegra. Entendemos que o conhecimento produzido neste trabalho provém eminentemente de seus saberes. Mas Paula queria perguntar, conversar e deixar-nos conhecer o seu envolvimento com o tema. Foi isso que ela fez a partir do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, com quem

dialogou em textos (2020) e em depoimentos (2020). E com a professora Fernanda Felizberto (2020), em suas reflexões sobre o conceito de escrevivência como "rota de escrita acadêmica", em especial de jovens mulheres negras universitárias.

Inicialmente, fundamentamos o trabalho com o racismo estrutural (Almeida, 2019; Munanga, 2012) e suas implicações na escola e no currículo. As leituras iniciais sobre os terreiros foram realizadas e trazidas por Paula (Sodré, 2019; Silva e Borges, 2021), que já tinha certo acúmulo sobre o tema, além de sua vivência, evidente quando neste texto nos leva para o terreiro e nos apresenta o que lá tem aprendido desde criança. O aprofundamento de questões relativas ao terreiro, sobretudo de sua relação com a educação, está no que incorporamos à escrita a partir da entrevista realizada com Mãe Rosiane. Como apontado, o maior desafio teórico-metodológico da pesquisa foi o tratamento da entrevista. E o resultado das escolhas feitas e das decisões tomadas pode vir a contribuir com a realização de trabalhos que buscam diálogos e

encontros entre saberes considerados "acadêmicos" e saberes tradicionais.

Debates de caráter epistemológico têm se intensificado na universidade desde as primeiras experiências de implantação das cotas raciais e a consequente presença de estudantes negras e negros e indígenas na academia. Projetos como o Encontro de Saberes (Carvalho, 2019), que também orientou e fundamentou este estudo, têm proposto formas diversas de inclusão de saberes tradicionais e de suas/seus detentoras/es na universidade, seja na produção e difusão de conhecimentos, com atividades de pesquisa, seja em atividades de ensino ou de escrita e comunicação acadêmica. Em Leda Maria Martins (2021), encontramos a grafia da memória e da oralidade, com as *oralituras*, que muito contribuíram para que fizéssemos a opção pela transcrição da entrevista e sua incorporação ao texto.

Ainda com Martins (2021), em um belíssimo trabalho sobre o Reinado do Rosário no Jatobá, cuja primeira edição é de 1997, aprendemos sobre as encruzilhadas. Vimos que as culturas negras são culturas de encruzilhadas que matizaram

territórios americanos e que evidenciam cruzamentos entre tradições e memórias orais africanas com outros códigos e sistemas simbólicos.

Como temos visto mais recentemente, em especial nos estudos e debates trazidos por Simas e Rufino (2018) e por Rufino (2019), os *cruzos* e as encruzilhadas podem contribuir para o atual debate epistemológico sobre a universidade. Foi nos dois autores que encontramos na proposta do *pesquisador cambono* o caminho para o tratamento que foi dado à entrevista.

No exercício da cambonagem, Paula escutou, anotou, escreveu o que Mãe Rosiane falou. E cuidou dessa escrita, assim como observou, duvidou e perguntou. Como os dois autores colocam, o pesquisador cambono auxilia, cuida e exercita a dúvida. Foi um pouco de tudo isso que Paula procurou fazer. E transformou a entrevista em diálogo, em uma conversa entre duas mulheres negras sobre processos educativos nos terreiros de Candomblé. Conversa que produz conhecimento a partir de trajetórias de vida, de saberes de experiências, de vivências e de

diálogos com autoras/es, textos e com fatos que fundamentam o trabalho. Conversa que ganha materialidade em um texto escrito quando é *oralitura*.

Não vou adiantar os resultados da pesquisa ou fazer deste texto um uma introdução. A intenção era apenas delimitar o meu papel, para avisar que minha participação foi a de orientar e de fazer certa mediação institucional a partir do lugar que ocupo na universidade. Com base nas referências rapidamente citadas, o texto é escrito em primeira pessoa.

Na publicação do artigo, eu fiz apenas a proposição, porque acredito na importância de compartilhar uma pesquisa como essa e de procurar contribuir com o longo caminho a percorrer no desenvolvimento de metodologias inclusivas de pesquisa e de produção de conhecimento para a educação antirracista. Orientei alguns aspectos da redação do texto e cumpri o papel institucional, que a mim garante a prerrogativa de submissão do trabalho para publicação.

Paro por aqui, com o agradecimento a Paula pela parceria no trabalho e o desejo de sucesso no mestrado que já está cursando. Que ela voe alto em sua trajetória, que já

faz parte das necessárias transformações da universidade. Agradeço também a Mãe Rosiane pela oportunidade de aprender, entre tantas outras coisas, que os terreiros educam crianças pretas para a vida na sociedade racista. As vivências e os ensinamentos nos terreiros garantiram e garantem a sobrevivência e a vida de crianças e de adultos. Axé!

Pesquisa e “escrevivência”

O tema desta pesquisa vem da minha experiência enquanto candomblecista e da minha jornada entre terreiro e escola: em um dos espaços eu amava e celebrava minha cultura enquanto no outro sentia vergonha e escondia o que fortalecia minha subjetividade. A escola e a sua dinâmica estão pautadas em uma lógica ocidental, que exalta uma cultura e ignora outras. Por isso, o foco deste trabalho é discutir a educação a partir das culturas afro-brasileiras.

Joice Berth (2020) afirma que não se descobriu negra, mas foi acusada de sê-la. A minha história é atravessada por essa perspectiva. Quando percebi que era negra, não foi algo que me engrandeceu ou foi motivo de orgulho: o primeiro

sentimento que veio foi o de vergonha e desprezo.

O racismo nos afeta subjetivamente e de forma violenta. Por exemplo, eu, com a experiência de uma criança preta em uma escola particular, sempre me senti como uma figura não pertencente àquele espaço. Demorou um tempo para eu perceber porque não me sentia à vontade. A verdade é que, quando você é preta, o sentimento de não se encaixar em algumas situações, de não achar seu cabelo bonito e de sempre pensar que há algo de errado com você é constante. Até entendermos o que se passa demanda tempo, estudo e autoconhecimento.

Cresci aprendendo a cantar e a rezar em outra língua, em um espaço majoritariamente preto, onde as mulheres eram valorizadas e respeitadas. A oralidade era a forma como os ensinamentos eram passados. Além disso, os *itans* - mitos iorubás - são a forma de transmitir os ensinamentos. A partir deles nós aprendemos qual orixá come o que, o porquê se veste de tal forma, o porquê faz tal ato na hora da festa e como seus filhos devem se portar no mundo, levando em consideração que

carregam aquela energia específica dentro de si.

Os terreiros de candomblé e umbanda produzem cultura e educação próprios, mas ficam marginalizados por pertencerem a religiões de matriz africana. O racismo estrutural que existe no Brasil desde os tempos da escravidão (Almeida, 2019) invisibiliza essa cultura e seus processos de transmissão, mas ela resiste. Falar sobre candomblé é tratar sobre respeito à natureza e aos mais velhos. Além disso, é possível aprender geografia a partir da religião, visto que cada parte da África cultua os *orisás*, voduns ou inquices de uma forma diferente, é aprender também sobre filosofia, entre outros tantos ensinamentos.

No entanto, a colonização impôs uma hierarquia de epistemologias e determinou o que é importante e legítimo e o que não é. Com isso, a escola, por exemplo, tem em seu currículo uma diretriz que percebe o mundo em uma única perspectiva, que sempre trabalha autores brancos e, mais, conta a história a partir de uma única narrativa. O poema de Luiz Antonio Simas (2021) nos faz refletir:

Sonetos de Birosca: Educação

*Mas afinal, quem é o bem educado
Somente aquele que conhece o livro e lê
Ou também é alguém que foi versado Na
diferença entre o cabula e o aguerê?*

*Diga-me lá: quem é o dono do pensar
O bem formado na França, Alemanha
Ou a criança que aprende a despertar
A folha certa no canto da sassanha?*

*Eu quero Bach cruzado com Pixinguinha
A sinfonia, o toque da avamunha
A Odisseia, o som do barravento*

*O Danúbio nos versos de Hölderlin
Oxalufan dançando o seu igbin
O bravum arrepiando o ser no tempo.*

Entendo que é importante falar de terreiro com pessoas que fazem parte desse ambiente, que vivenciam de forma plena essa religião e ouvem aqueles que há tempos reverenciam seus ancestrais.

A vivência de terreiro atravessa minha vida. Quando criança amava participar das festas e ajudar nas funções (que é o momento de preparar os eventos rituais). No terreiro me vi potente. Naquele território, além de ter muitas pessoas pretas, as mulheres, em sua maioria, eram líderes, aquilo mexeu muito comigo. O machismo e o racismo fizeram com que fora daquele espaço eu não visse mulheres pretas em lugar de poder. Na escola, não

tinha uma professora preta, por exemplo. Além disso, o lugar que para mim era sinônimo de orgulho e pertencimento também poderia ser motivo de vergonha por causa do racismo religioso.

Na escola, todos se sentiam à vontade para contar da escola bíblica dominical ou da catequese e eu, ainda criança, não entendia bem o porquê, mas não me sentia bem para falar que ia ao terreiro. Acredito que naquele momento minha monografia começava a ser escrita, a partir dos meus sentimentos contraditórios. Aliás, vou mais longe. Minha monografia começa a ser escrita através da resistência dos meus ancestrais ao não assimilarem a religião do colonizador.

Para desenvolver uma educação antirracista, é preciso primeiro admitir o racismo epistêmico³ e romper com ele. A ideia de hierarquizar saberes e culturas vem da perspectiva de que o homem europeu

³ O racismo epistêmico tem se constituído como principal justificativa para a descolonização da universidade em projetos como o Encontro de Saberes (Carvalho, 2019) e se refere à imposição de conhecimentos brancos e eurocêntricos como se fossem os únicos nos currículos acadêmicos,consequentemente,nos currículos escolares. A defesa que se faz é de uma universidade pluriépistêmica.

branco é a referência. Carneiro (2011) caracteriza como epistemicídio os processos de exclusão de saberes e de corpos negros de instituições como a escola e a universidade:

Alia-se a esse processo de banimento social a exclusão de oportunidades educacionais, o principal alvo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio. (p. 92-93)

Quando nos deparamos com o currículo escolar, percebemos uma escolha de narrativas eurocêntricas. Por exemplo, nas escolas brasileiras muito falamos sobre as guerras europeias e mal conhecemos os povos

que habitavam as Américas. Além disso, existem muitos autores e autoras nossos que são apagados.

Os saberes do terreiro podem proporcionar à escola uma educação lúdica e antirracista. Por exemplo, quando falamos de educação infantil, um dos eixos é "o eu, o outro e o nós" e, para abordar esse eixo, nada melhor do que os abebês de Oxum e de Yemanjá e sua simbologia de autoconhecimento e cuidado com o outro. A partir da contação de histórias e da desconstrução de preconceitos, podemos construir uma aula potente.

Durante toda a escrita deste texto, sou atravessada pela ideia de escrevivência, da autora Conceição Evaristo (2020). Segundo ela, não é sobre uma escrita narcísica e sim uma escrita coletiva, feita por muitos sujeitos. A partir de uma história geral, nós escrevemos nossa própria história.

Afirmo que a Escrevivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrevivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de

nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. (EVARISTO, 2020, p.38)

Acredito que cada vez mais teremos pesquisas que falam de nós para nós. A escrita deste texto não nasce comigo, ela começa a ser desenvolvida a partir do momento que meus ancestrais não sucumbem à colonização e resistem, seja pelo sincretismo, seja pela resignificação do que é família nos terreiros que começaram a se constituir no território brasileiro. Nossa história é de luta e dor coletiva e deve ser contada por nós.

O samba da Estação Primeira de Mangueira, no Rio de Janeiro, em 2019, fez sucesso com o título: História para Ninar Gente Grande. Ele nos ajuda a pensar como o racismo tem uma dimensão epistemológica e ignora os conhecimentos produzidos por outras culturas. Como no trecho destacado:

Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato.

Minha pesquisa busca mostrar parte do país que não está no retrato a partir dos terreiros de candomblé e de seus processos educativos. Busca identificar conhecimentos produzidos dentro do terreiro e como eles podem auxiliar a escola, com base na lei 10.639/03, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana". Levando em consideração que esses espaços tradicionais preservam um pouco da África no Brasil, valorizar essa cultura é resistência negra. Além de contribuir para descolonizar o currículo que conta a história na perspectiva de quem dominou.

A dominação branca produziu uma história única e fez com que acreditássemos em uma narrativa de subordinação sem resistência. O

racismo epistemológico esconde e não reconhece outras culturas como produtoras de conhecimento, ignorando sua ciência.

Segundo a Lei Nº 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no seu primeiro artigo, a educação abrange processos formativos diversos que se dão também em espaços diversos, pois ela abrange processos formativos que se dão em diferentes espaços sociais e na convivência humana. Levando em consideração a lei maior da educação no país, o que é produzido nos terreiros é educação. Entender como acontecem os processos de ensino-aprendizagem nesses espaços é importante por ser mais uma das alternativas à pedagogia desencantada⁴ por sua rigidez e por conteúdos que não trazem sentido nem significado para grande parte dos alunos nas escolas.

Meu objetivo foi investigar o terreiro como um espaço de educação e como um lugar que produz uma narrativa da história do povo preto no Brasil, identificando como ocorreu na diáspora africana a resistência à

escravidão e à dominação, assim como processos de transmissão de saberes e de afirmação da identidade negra. De caráter qualitativo, utilizou como fonte a realização de uma entrevista, ainda no período de distanciamento social provocado pela pandemia da COVID-19. Para a sua realização, portanto, o uso da tecnologia foi fundamental, uma vez que foi realizada pelo Google Meet. A proposta inicial era a realização de três entrevistas. No entanto, diante do material gerado na primeira entrevista e do tratamento que pretendia dar a ela, decidi trabalhar essa única entrevista que, apesar da distância física, foi essencial, em termos de conteúdo, para a realização do trabalho.

A escolha da entrevista como fonte de pesquisa se deu pela valorização dos saberes ancestrais que resistiram nos terreiros de candomblé por meio da oralidade, assim como de detentores de tais saberes como sujeitos do conhecimento, naquilo que Simas (2018) denomina um "rodopio" na prática de pesquisa:

O rodopio enquanto prática, orientação teórico-metodológica, além

⁴Rufino, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. 2019.

de formular uma crítica aos conceitos alicerçados em bases que não aceitam o outro como possibilidade, tensiona o impacto dos discursos provenientes dessas razões arrogantes nas práticas que a elegem como "objetos a serem estudados". (SIMAS, 2018, p. 34)

As lideranças religiosas são entendidas como sujeitos da pesquisa e não como objeto de estudo. Tomar sujeitos que sabem, que são as "fontes" dos conhecimentos produzidos em pesquisas como informantes passivos, recortando ou traduzindo suas falas, não era uma possibilidade para o estudo que pretendia realizar. Pretendia pesquisar e conceber a entrevistada como sujeito do conhecimento, minha participação na pesquisa era ouvir e aprender. A partir da escuta atenta e dos novos aprendizados, pude pensar criticamente e compartilhar conhecimentos adquiridos e elaborados.

O conceito do *pesquisador cambono* (Simas, 2018), que compara a pesquisa com a cambonagem nos terreiros é importante para essa abordagem. O cambono é, dentro da umbanda, a pessoa que auxilia as entidades em terra, ou seja, pega suas

bebidas, acende seu cigarro, cuida do espaço do terreiro antes das festas, ajuda nas consultas, faz anotações, ouve muito e observa. Além disso, Simas fala sobre ter sempre a dúvida em mente, para assim trazer espaço para os novos conhecimentos que estão por vir.

Assumo a postura de pesquisadora cambona que a partir do rodopio aceita o outro como sujeito ativo do seu saber, que trabalha com ele e para ele, que observa, escuta, anota, escreve e, assim, aprende. É necessário termos a humildade de sentar na esteira para aprender, de abaixar a cabeça, ouvir e absorver aquilo que nos é passado, sem arrogância ou regimes de verdade.

Assumo também que esse trabalho foi feito pela estudante da Universidade Federal Fluminense e pela *abian* que está no início da sua caminhada religiosa e entende a importância do ouvir as mais velhas. Com isso, afirmo o meu envolvimento também pessoal com a pesquisa e com a entrevistada, o que, do ponto de vista deste estudo, da escrivência de Conceição Evaristo e do encantamento de Simas, lhe traz vida, experiência e procura colaborar com

novas formas de produção de conhecimento.

Não foi por acaso que Mãe Rosiane foi a primeira entrevistada. A primeira vez que ouvi Mãe Rosiane foi em um evento na Universidade Federal Fluminense em 2017, chamado *Mulheres de Axé e Universidade*. O objetivo do encontro era debater racismo religioso, educação e exercício profissional. A ideia do evento foi trazer o terreiro para dentro da universidade e associar a academia às religiões de matrizes africanas. Mãe Rosiane falava sobre intolerância religiosa e exercício profissional e sobre sua pesquisa do doutorado em Antropologia. Falava ainda como Mãe de Santo. Por isso fiquei encantada. Depois, ela se tornou amiga da minha mãe carnal e a aproximação aumentou, reforçando ainda mais minha admiração por ela como mãe de santo.

A fala de Mãe Rosiane mexeu muito comigo, com sua forma incisiva de se colocar, mas ao mesmo tempo com um amor que só as mães de santo têm. A forma como defende sua fé e seu modo de ver o mundo é de emocionar e nos fortalece para que continuemos na luta. Assim, quando

comecei a pesquisa, ela foi a primeira pessoa que veio na minha cabeça, pois tinha certeza de que ela teria muito o que me ensinar durante o processo de escrita, não só academicamente, mas, principalmente, religiosamente. Como já afirmei, para mim não existe pesquisa sobre candomblé e terreiro sem ouvir as mais velhas, sem sentar-se na esteira e aprender atentamente cada palavra. Assim eu fiz com ela e fui acalentada pelas águas de Yemanjá em cada palavra.

Retomo com a noção de escrevivência de Evaristo, com sua dimensão coletiva da produção de conhecimento. Procurei tratar a entrevista (o máximo que pude) como cambonagem mesmo: quem fala, quem se apresenta, quem discorre sobre os temas do estudo é Mãe Rosiane. Eu apenas anotei, transcrevi e procurei colocar no papel a sua oralidade, com todos os seus ensinamentos, procurando fazer aquilo que Martins (2021) chama de oralitura.

A questão da oralidade é central em alguns países da África. Para povos que não tem a grafia como expressão principal a palavra tem uma origem mágica e sagrada, a fala é que

conserva as tradições que são guardadas pelos anciãos, que são considerados dignos de passar as tradições adiante. Para nós pode ser muito difícil "confiar" na oralidade por estarmos inseridos em uma sociedade grafocêntrica, mas em África existe outra percepção em torno da fala.

Além disso, quando falamos do povo iorubá, associamos a palavra a Exu, aquele que é o dono do mercado e que é através da fala que ele se comunica e faz as negociações necessárias. Para nós do candomblé, a fala é sagrada não só por ela guardar toda nossa tradição durante séculos, mas por nós acreditarmos na força que ela tem nas nossas vidas.

Utilizo o conceito de *oralitura* de Leda Maria Martins para trazer a fala de Mãe Rosiane a este trabalho e com ela dialogar:

A matriz africana é lida, assim, como um dos significantes constitutivos da textualidade e de toda a produção cultural brasileira, matriz dialógica e fundacional dos sujeitos que a encenam e que, simultaneamente, são por ela também constituídos. Aos atos de fala e de performance dos congadeiros denominei *oralitura*, matizando nesse

termo a singular inscrição do registro oral que, como *littera*, "letra", grafa o sujeito no território narratório enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de *litura*, "rasura" da linguagem, alteração significativa, constituinte de diferença e alteridade dos sujeitos, da cultura e de suas representações simbólicas. (MARTINS, 2021, p. 25)

No exercício da *oralitura*, procura-se grafar a enunciação de sujeitos. Não se trata apenas de transcrever falas, mas de registrá-las em seus valores, sentidos e identidades, de com elas aprender em seus territórios narrativos. Esse foi um grande desafio para a pesquisadora cambona.

Educando com mel e dendê - saberes dos terreiros, crianças e educação antirracista

Mãe Rosiane se apresenta e fala sobre sua ancestralidade, sobre crianças, terreiro e educação. A entrevista foi registrada praticamente na íntegra e organizada de acordo com as temáticas abordadas por ela. Para esse artigo focaremos na parte da entrevista que apresenta a lalorixá e que aborda temas como crianças,

terreiro, educação e a importância do candomblé para a vida de modo geral.

Mãe Rosiane Rodrigues

Eu sou a Rosiane Rodrigues de Yemanjá. Sou neta carnal de seu Hélio Curador, que é da tradição de cura, na cidade de Mairi. Minha família por parte de pai tem a tradição de curadores, na cidade de Mairi, no interior da Bahia. Eu sou baiana, nasci em Salvador, nasci no Cabula e vim para o Rio de Janeiro com a separação dos meus pais, quando eu tinha cinco anos.

Por parte de mãe, eu sou bisneta de um sacerdote Nkisi, de um Tata Nkisi⁵ chamado Arthur Sales, que foi contemporâneo do João Cândido, da Revolta da Chibata. Ele era da Marinha, meu bisavô, tinha aqui no Rio de Janeiro um terreiro na Pavuna.

Mas eu só vou me iniciar aos 27 anos de idade, já era mãe de dois filhos. Porque a minha mãe, ela tinha a ideia de que terreiro era coisa de preto. E tinha a coisa de clarear a família. E então ela nunca me deixou aproximar do terreiro. Eu tive várias passagens de doença, inclusive, com

⁵Tata Nkisi: palavras do candomblé bantu que significam pai de santo.

13 anos, eu fui para a Bahia com meu avô, cuidar de mim. Mas eu só fui me iniciar mesmo aos 27 anos de idade, na família do Axé do Portão da Muritiba, aqui no Rio de Janeiro.

Eu venho a ser neta, minha navalha é de Ajunsun⁶. Eu me inicio com seu Carlos de Ajunsun, filho de dona Marieta de Ogunté⁷, que era filha de seu Nezinho do Portão da Muritiba. Eu me inicio com ele, mas acabo tomando todas as minhas obrigações com o meu Pai Jorge d'Oxóssi, da família de Mãe Sara Bernardes de Yemanjá. Eu tomo as obrigações todas com ele. E aí meu pai falece em 2011. Eu já estou com meu Ijé pronto, já está entregue. Tomei obrigação com dez anos, tomei meu Odun Ijé⁸ com dez anos de iniciada. Quando meu pai falece, eu fico com a minha avó, que foi a Mãe de Santo dele, que é aí a minha tradição nagô-ijexá⁹ da família.

⁶Ajunsun: uma qualidade do orixá Omulu.

⁷ Ogunté: uma qualidade do orixá Yemanjá.

⁸ Odun Ijé: obrigação de sete anos no candomblé, na qual o iniciado passa a ser um mais velho e se tiver caminho, se torna um pai ou mãe de santo.

⁹Nagô-ijexá: nação de candomblé que a mãe Rosiane faz parte.

Minha mãe é, hoje, minha mãe e minha avó.¹⁰

Minha mãe é dona Ivanir de Yewá¹¹, filha de mãe Sara Bernardes de Yemanjá, que tem o seu terreiro fundado em Nazaré das Farinhas. Mas depois de alguns anos ela vem para Belford Roxo e funda o terreiro dela no bairro de Heliópolis. E, enfim, ela morre no final da década de 60, e aí minha mãe herda o axé e vai para Pavuna, abre o axé na Pavuna. Em 80, o Axé é transferido para Magé, na localidade de Rio do Ouro, que é onde eu estou hoje. Porque eu acabei assumindo o Axé da minha mãe, ela está viva, não morreu não, mas ela está muito, muito velhinha. Ela está muito velhinha. Das filhas de santo dela eu sou a mais nova. Minhas irmãs de santo, uma tem 90 anos, 92 aliás, a outra está com 74. Mamãe é que ninguém sabe a idade dela, ela não conta para ninguém. Mas já está com mais de 80 porque a filha mais velha dela é mais velha do que eu, ela tem

52 ou 53 anos, ela já deve estar beirando uns 80 fácil.

Ela não tem mais condição, fez muito poucos filhos de santo. As que estão vivas já estão também muito velhas, muito idosas. E aí nós fizemos um acordo de que eu tomaria conta da casa. Eu sou o administrativo, ela é a grande Yabá da família, a matriarca da família, a mãe de santo minha e dos meus filhos, eu sou mãe de santo dos filhos dela, do filho dela mais novo. Então, ficou assim a conjunção familiar, de famílias espirituais. E é isso. Eu estou nessa. Eu fiz santo com 27, então tenho 22 anos.

Educação

Existe uma pedagogia do axé, que não é uma pedagogia pensada num plano eurocentrado, pelo menos é assim que eu entendo, que é a pedagogia da experiência. É a pedagogia da vida. Eu gosto muito de pensar isso porque os terreiros têm uma prática e eu vejo que é a prática do fortalecimento da autoestima, fundamentalmente, mas também é a preparação para as adversidades.

Todas as práticas, por exemplo, de preceito, de interditos. É uma forma de ensinar a você controlar suas

¹⁰ É mãe porque hoje é sua mãe de santo, mas é avó de santo porque Mãe Rosiane se iniciou com o filho de santo de sua atual Mãe de Santo.

¹¹ Yewá: orixá feminina responsável pela prosperidade, a cobra fêmea, irmã de Oxumarê.

paixões, a você ter autocontrole. Porque a gente entende que o que a cabeça pode sonhar os pés podem alcançar. E para isso eu entendo que é preciso uma disciplinarização, que é feita nos terreiros. Não só uma disciplinarização do corpo, mas também uma disciplinarização da nossa forma de olhar o mundo. O exercício da gratidão, a compreensão de que sozinho a gente não consegue fazer nada na vida, de que nós somos os nossos irmãos e o terreiro, eles são extensões nossas e nós também somos extensões deles.

Não só dos assentamentos, não estou nem falando dos orixás. Não estou falando dos assentamentos, não estou falando de nada sobrenatural, eu estou falando que nós somos as extensões. Eu, como Mãe de Santo, eu não consigo iniciar uma pessoa sozinha, eu dependo da formação de um grupo de pessoas para iniciar uma única pessoa. Então essa, que não é uma prática formulada em livro, em compêndio, mas é uma prática da vida, da experiência de vida, da vida vivida, que você vai, ao experimentar, ao experienciar, você vai entendendo dimensões da própria experiência da

vida que você não consegue mais se dissociar dela.

Então, tem uma conformação do corpo por conta dos interditos, não só os interditos de cor ou de vestuário, mas também os interditos alimentares, os interditos de conduta, que vão forjando uma nova forma de ser e estar no mundo. Mas também vão conformando corpos, conformando mentalidades. E é uma prática educativa que está para além de um aprendizado como a gente pensa numa escola, por exemplo. Porque é uma prática educativa que te dá uma compreensão cosmológica, filosófica, matemática, de história, de mnemônica, de postura corporal. Enfim, é um sistema de ensino muito complexo, que está muito além do entendimento do que se pensa em pedagogia e didática em sala de aula.

A iniciação das crianças no candomblé

Eu tenho os meus três filhos iniciados. Meus três filhos carnais. Eles foram iniciados lá dentro de casa. Claro que eles não são meus filhos de santo, eles são iniciados pela minha Mãe de Santo, mas o único que foi iniciado criança foi o meu caçula, que

hoje está com 17 anos. E eu penso que se eu tivesse a maturidade que eu tenho hoje e não tivesse o preconceito que eu tinha há 20 anos atrás, eu tinha outra forma de entender. Não posso negar que a minha mãe achava que isso era coisa de preto, que ia me fazer mal. E a minha mãe era uma mulher que era filha e neta de pai de santo e de mãe de santo. Minha avó carnal, se não tivesse morrido tão jovem, seria a herdeira do meu bisavô. Então, minha mãe tinha uma ancestralidade muito potente, apesar de nunca ter tido incorporação. Mas eu não posso negar que a ideia que eu tinha de terreiro aos 27 anos de idade era uma ideia muito diferente da que eu tenho hoje. Então, por isso não iniciei meus filhos mais velhos logo que me iniciei.

Mas eu penso que a iniciação da forma como ela é colocada, por conta dos interditos, por conta das compreensões, ela é muito mais facilitada quando ela é com crianças. Porque as crianças não têm interditos, você vai interditar a criança de que? De beber? Você vai interditar a criança de que? De fumar? Criança não fuma. A criança não tem vida sexual, então ela não precisa. Quando eu iniciei o

meu filho mais velho, ele já estava com 23 anos. Ele está com 28, fazendo cinco anos de feito. Coitado. Foi um ano sem praia, quase morreu. Olha, mas era um drama. Em compensação, o Marquinhos, que vai fazer nove anos de iniciado, nunca teve resguardo. Foi um ano sem praia para uma criança de oito anos. Se ninguém leva, não vai. Não usa preto, não usa mesmo. Não vai comer feijão não sei das quantas. Porque está brincando, está indo para escola, está se divertindo, para ele não foi um trauma.

Hoje eu sou uma das pessoas que mais defendo a iniciação na infância, até por todas as questões. Porque é muito mais tranquilo quando você pensa na questão dos interditos e dos preceitos. Um adulto tem um problema seríssimo de fazer um preceito de sexo, é um dos dramas. Eu já entendi que não é nem raspar a cabeça, raspar a cabeça é o menor dos problemas. Não, o problema são as pessoas se autodisciplinarem.

Porque o preceito não tem nada a ver com uma disciplina militar, essa disciplina militar, escolar, tem a ver com autoconsciência e com autocontrole. Isso é um pensamento

muito particular meu. Se não fosse essa disciplina, eu estou usando o nome porque eu não consegui encontrar outro termo para classificar isso. Mas se não fosse esse autocontrole, esse autoconhecimento, essa autoestima, essa forma de domínio das paixões, que é isso que a gente faz no preceito, o nosso povo não teria sobrevivido. O nosso povo não teria sobrevivido, não só aos séculos, aos quase quatro séculos de escravidão, mas também sob esse sistema racista, genocida que a gente vive.

É claro que nem todo mundo tem que ser iniciado. Eu acho que tem uma coisa também que precisa ser dita de alguma forma, é que candomblé, orixá, vodun, ninkisi, muquixi são para todo mundo, mas nem todo mundo é para eles.

Porque nós não somos uma prática expansionista, a gente não quer sair raspando todo mundo porque a gente acha que cada um de nós tem o seu próprio caminho. E existem pessoas que efetivamente até não podem ser iniciadas, por conta de demandas espirituais. Existem pessoas que você não pode iniciar. Mas eu penso que esse processo

iniciático que demanda um ano de interdição, um ano sem beber, é muita coisa para um adulto. Mas, por exemplo, se a pessoa precisa ser iniciada, eu sou uma grande defensora que seja enquanto criança. Até para que facilite a compreensão cognitiva do que são as práticas, que é muito comum você ver pessoas, por exemplo, que não têm uma compreensão do que significa um resguardo. Que não têm a compreensão de o quê, o porquê se faz determinadas coisas.

Como, por exemplo, eu vejo agora. Eu não conheço ninguém que pratique, mas eu vejo como se faz uma discussão sobre candomblé vegano e o quanto essas pessoas são completamente descoladas, têm uma forma dissociativa de entender o que significa o éran, a carne, a divisão da carne, que é um preceito fundamental para os Olodés¹², para o povo da caça. Dividir a comida, dividir o éran, dividir a carne tem a ver com um pacto que nós fazemos com os caçadores, com Oxóssi.

Então, eu acho que quando você tem uma iniciação jovem,

¹² Olodés: caçadores do clã do orixá Odé

criança, você consegue associar e acessar um conhecimento que muitas vezes os adultos, como eles já têm a cognição muito conformada com base no preconceito, com base em várias questões que vão associar às práticas dos ancestrais com demônio, que é uma cognição racista mesmo, que é uma forma racista de olhar o mundo. Eu vejo o quanto isso é mais fácil quando a gente lida com as crianças, o quanto elas conseguem acessar a dimensão da ancestralidade com muito mais, eu não digo facilidade, mas com muito mais transparência, que é a facilidade mesmo dessa compreensão.

Diálogos sobre a escola - racismo, educação e religião

No diálogo com Mãe Rosiane, destaco a relação de seu filho iniciado quando criança com a escola, fato que me chamou a atenção e que me levou a fazer algumas perguntas. No exercício da camponagem, que implica o exercício da dúvida, senti a necessidade de perguntar. Essa parte da entrevista, em que o diálogo se estabelece de forma mais acentuada, em uma conversa sobre o tema da escola, me fez destacá-la, junto com algumas reflexões.

Paula: Quando seu filho se iniciou, a senhora ficou com medo dele ir para a escola? Como a escola ia receber ele?

Mãe Rosiane: Claro. Ele repetiu o ano que ele se iniciou, foi perseguição mesmo. Ele estudava em uma escola católica. Eu tirei da escola católica, que era a Nossa Senhora Rainha dos Corações, em Jacarepaguá. E coloquei em outro colégio que não tinha nenhuma vertente religiosa. A primeira coisa que eu fiz foi conversar com a direção da escola, dizendo: "Olha, o meu filho vai ser iniciado". Isso no início, isso lá no final do ano, quando eu matriculei para o ano seguinte. Mas ainda assim ele foi perseguido por uma das professoras e ele repetiu o terceiro ano.

Paula: E como a escola respeita essas crianças que vem de Candomblé, que não necessariamente são iniciadas, mas que podem ser e que estão no espaço escolar?

Mãe Rosiane: Não respeitam. Assim, em todos esses anos, eu só tive uma escola que respeitou as nossas práticas, que foi uma escola na Cidade de Deus, que foi o Colégio Vivendas, mas ainda assim porque uma das estagiárias de docência era ekedi. Uma das professoras que fazia estágio docente na escola era ekedi e se identificava com todas as crianças que eram de candomblé e fazia questão que essas crianças trouxessem as suas experiências. Não era uma

coisa fácil, mas foi a única, a única escola, que era particular, não era pública. Sei de algumas escolas públicas que tem inclusive uma coisa com alimentação, mas, no geral, não respeitam. Absolutamente não respeitam, independente de serem públicas ou particulares, de serem religiosas ou não.

Paula: É, eu estou fazendo estágio em uma escola particular, aqui em Icaraí, em Niterói. A gente está fazendo uma apresentação do final do ano que Jesus Cristo é o salvador e eu fico assim: gente, que isso? É uma coisa que fica muito normalizada, como se o cristianismo fosse uma referência.

Mãe Rosiane: É uma laicidade cristã, né? O Brasil vive uma laicidade cristã. Todo mundo que não é cristão está fora da casinha. E é demonizado mesmo. E são assim as estratégias, elas vão se sofisticando, porque no caso da perseguição do Marquinhos, como eu já tinha feito uma conversa com a direção da escola, porque a gente passou por problemas seríssimos, Marquinhos foi tirado de mim por dois anos, a gente teve um processo muito pesado junto. Então, eu queria que meu filho não tivesse que passar por isso novamente e fui muito clara com a direção da escola que eu processaria. Mas a professora que ele pegou era evangélica e sabotava os trabalhos dele. E era uma forma tão sofisticada que eu só consegui entender depois. Porque ele dizia para mim "mamãe, mas eu

entreguei o trabalho" e ela dizia que não; "mamãe, mas eu fiz a minha prova" e ela dizia que não tinha feito. E aí se ele estava com um grupo de coleguinhas, imagina nove anos de idade, um grupo de coleguinhas brincando, fazendo bobagem, o único que sofria qualquer tipo de represália era ele, entendeu? Então tudo o que acontecia era ele e ele começou a ficar com a autoestima baixa. Então tive que fazer terapia de novo, enfim.

Paula: Eu estou lembrando agora, acho que foi no *Mulheres de Axé* que a Wanda Araújo¹³ falou que o neto dela começou a sofrer perseguição na escola também, que começou a ficar meio com raiva do terreiro.

Mãe Rosiane: Sim, sim, sim. Porque é isso, é muito complicado. A perseguição religiosa está na chave de sofrer a perseguição por algo que você acredita, por algo que te constitui. É muito comum que as pessoas se revoltam com os orixás. Ao invés de se revoltarem com aqueles que realmente estão perseguindo, porque o nosso racismo é tão sofisticado que faz com que a gente se sinta culpado pela violência que está sofrendo. Então, a acusação tem a ver com: "mas, nossa, como você é de uma religião que mata bicho, que coisa horrível, isso é do demônio"; "isso não é

¹³Ialorixá Wanda de Omolú do Axé Egi Omin, que também participou do evento *Mulheres de Axé*, na UFF, em 2017.

Yemanjá, isso é um espírito ruim". É óbvio que isso para uma criança de oito anos, de sete anos, para um adolescente, isso é muito pesado. Isso foi pesado para mim, que já era uma mulher madura, mãe de filho. E isso na cognição para a criança, para a emoção da criança, é muito difícil. Eu costumo dizer que isso, para mim, é uma experiência de estupro. Eu nunca passei pela experiência de estupro em si, mas a violência contra você é como se você estivesse sendo estuprada, de uma forma como se o seu corpo, como se a sua existência, que é sua humanidade, ela absolutamente não vale de nada.

Paula: E, para o Candomblé, qual a importância dos erês?

Mãe Rosiane: Olha, depende, você vai me perguntar se referindo aos erês crianças, do Ayê, ou você está se referindo às crianças do Orun?

Paula: As crianças do Orun.

Mãe Rosiane: Os erês são a beleza e a inocência que todos nós temos e acho que uma das coisas mais bonitas do candomblé é esse culto à inocência, é esse culto ao que há de mais belo, de mais sagrado, que é o culto à nossa criança interior, essa criança ancestral que nós possuímos em essência. Eu acho que quando a gente cultua erê, as crianças do Orun, a gente está cultuando a nossa. Do ponto de vista filosófico, vão ter aí duas vertentes da filosofia; uma que diz que os homens

são essencialmente maus e outra corrente que diz que os homens são essencialmente bons. Eu acho que o candomblé tem essa coisa de você cultuar e de você achar que as pessoas são essencialmente boas e isso significa cultuar a criança interior, cultuar essa bondade, essa inocência, essa beleza, esse *nonsense*.

Os erês têm uma coisa do *nonsense*, de brincar, de não levar as coisas a sério (muitas aspas!), de ser sempre uma brincadeira. Porque na verdade a gente chega numa idade da vida, numa fase da vida que a gente entende que é realmente uma grande brincadeira. Eu gosto de uma frase que diz que nós, seres humanos, somos a lontra do universo, que a gente brinca o tempo inteiro. Claro que isso é uma forma muito *Poliana*, muito otimista de olhar o mundo, olhar as pessoas, mas eu acho que o culto ao erê tem a ver com isso, de nos lembrar o tempo inteiro que nós somos seres que viemos aqui para brincar, para nos amar, para termos essa leveza e essa inocência que os erês trazem para gente.

Agora, quando a gente está se referindo aos erês do Aye, as criancinhas, as crianças mesmo, os nossos filhos, as pessoas pequenas, são a nossa continuidade, eles serão a gente daqui a pouco, no futuro. E os terreiros têm uma forma muito bonita de lidar com isso, porque você vai ver que crianças e idosos se juntam na sua grande sabedoria e são a nossa continuidade.

Como pode ser observado na experiência que Mãe Rosiane teve com seu filho na escola, o racismo é perverso e usa de várias estratégias para se legitimar. A colonização é de corpos e mentes.

Depois que falamos sobre como o racismo religioso afeta nossas crianças, falamos sobre a nossa alegria de vida, a doçura que nos encanta e dá força, as crianças do Orun: os erês! Para nós, os erês são o orixá em sua forma infantil, no candomblé eles têm o nome que remete ao seu orixá, como Borboleta, o nome de uma erê de Iansã, ou Correnteza, o nome de um erê de Oxum. Eles se apresentam de forma muito brincalhona e é no brincar que nós acreditamos que eles nos protegem e nos livram do mal. Cultuar erê é cultuar a felicidade que nos é roubada diariamente com as violências que o povo preto passa, cultuar erê é olhar para o futuro que são as crianças e ao mesmo tempo reverenciar o passado, que são os orixás. Os erês são nossa esperança de que apesar de tudo a vida pode ser doce. Não poderia terminar esse parágrafo sem saudar a eles: ErêMi! Salve as

crianças que vivem em nós e não nos deixam desistir.

Terreiro ensina a gente a viver. É uma didática que é a da experiência da vida vivida.

O candomblé nos ensina a viver, nos ensina a lidar com as dores e nos curar delas, o terreiro é espaço de resistência e de muito amor e acolhimento. É importante falar sobre as levezas e alegrias do nosso povo. Oxum carrega a adaga e vai à guerra, mas ela também se olha no espelho, se banha no rio e, principalmente, se cuida. É sobre esse cuidado de si e do outro que o candomblé nos proporciona que vamos tratar. Para fechar nossa entrevista, quis saber de Mãe Rosiane o que ela leva de mais importante do candomblé para vida e me emocionei. Não só porque é lindo perceber o amor em sua fala, mas como é bonito ver uma Mãe de Santo ter amor pelo seu orixá.

Qualquer semelhança entre as palavras finais de Mãe Rosiane e grandes temas e questões de teorias sociais e políticas, de filosofia e de tantas outras áreas do conhecimento não terá sido mera coincidência. Trata-se apenas de forma diversa de lidar e

de explicar os mesmos temas e questões, mas que segue invisibilizada. No entanto, essa forma de ser, de viver, de sentir e de pensar a realidade está ancorada na vida, na experiência dos terreiros de candomblé.

Acredito, depois de tudo o que eu pesquisei, de tudo o que ouvi de Mãe Rosiane e que presenciei enquanto candomblecista que quem nos salvou e permitiu que a gente seguisse sem perder a esperança na vida foi essa ancestralidade que nos cerca e vive em nós. Segue o trecho em que conversamos sobre os ensinamentos do Candomblé para a vida.

Paula: E, para fechar, o que o Candomblé te ensinou de mais importante? Que você leva para sua vida, que nos momentos de estresse, você respira, pensa naquilo e relaxa.

Mãe Rosiane: A única coisa perene é a mudança. A coisa mais importante que o terreiro me ensinou, que Yemanjá me ensinou, é que se existe alguma coisa imutável na vida é que tudo muda. Essa é uma dimensão importante, eu realmente aprendi isso.

Porque eu sou uma pessoa com um temperamento muito forte, e obviamente que as pessoas com um

temperamento muito forte são pessoas que entendem, que acham que tem o controle das coisas que acontecem e durante muitos anos na minha vida eu sofri porque achei que tinha que controlar as coisas, não as pessoas, mas as coisas que aconteciam ao meu redor.

O terreiro me ensinou que a única coisa perene na vida é a mudança. A água é exatamente isso, ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. A água, ela vai seguindo seu fluxo e quando se vê diante de um grande desafio, ela contorna. Quando vê uma montanha, o que ela faz? Ela não joga a montanha abaixo, ela contorna, porque ela vai mudando, inclusive mudando o fluxo quando tem necessidade disso. E essa também é uma compreensão que dá brecha para o imponderável, para aquelas coisas que acontecem, sejam elas boas ou más, mas estar preparada para o imponderável em qualquer das suas dimensões foi um dos maiores ensinamentos que o terreiro me trouxe.

A serenidade de saber que da mesma forma que eu estou aqui conversando com você agora, eu posso ter um infarto e puf! Porque é isso. É essa compreensão que eu estou falando, coisas acontecem o tempo inteiro. Aliada a essa ideia de mudança permanente está a ideia de que vida e morte são dois lados da mesma moeda. Mais um dia também é menos um dia, a grande companheira da vida é a morte, é iku. Então a gente

precisa viver todos os dias sabendo que aquele dia pode ser o último e que isso é inexorável, porque vai acontecer. Mas sabendo que isso faz parte de estar vivo.

Às vezes, você está com uma situação muito terrível no seu horizonte, um problema muito grande, muito cruel, muito perverso que você não vê condições de resolver e aí, de uma hora para outra, as coisas tomam um outro sentido, um outro rumo e você diz: mas olha, eu nunca imaginei que isso poderia acontecer na minha vida. É isso, porque a gente é isso mesmo, essa mudança perene, estamos aí diante de dimensões imponderáveis da existência e precisamos estar preparados para isso.

O grande sofrimento da humanidade é não saber o que vai acontecer no dia seguinte. Então eu vejo que as pessoas sofrem de ansiedade, sofrem de depressão, sofrem de estresse, de não sei o quê, exatamente porque não aprenderam a lidar com essa mudança perene. E não aprenderam a entender que o que há de mais sensacional na vida é exatamente o imponderável, que é o que o terreiro nos ensina o tempo inteiro.

Você faz toda uma programação, aí você diz assim: "vou recolher uma pessoa para dar um bori". Aí você faz uma programação linda, três dias, tudo certo. Aí você recolhe a pessoa e a pessoa sai 30 dias depois porque a pessoa vai ter que

raspar. Você bota a mão na cabeça e diz: "meu Deus, o que eu vou fazer?". O terreiro te ensina que não é o improvisado, é lidar com o imponderável e isso é tão bonito. Claro dá desespero. "Meu Deus, o que eu vou fazer? Tenho trabalho, marquei cinco palestras, aí meu Deus do céu, é aniversário do meu filho".

Então, o terreiro ensina isso para a gente e isso dá leveza. Não é que a gente não leve a vida a sério, a gente leva a vida muito a sério porque a gente tem muitos problemas muito graves para resolver o tempo inteiro, mas a gente sabe que tem alguma coisa que nos interliga, que nos interconecta e que faz com que a gente em algum momento consiga olhar e dizer assim: "nossa, passou", "uau, resolvi, acabou, olha só que coisa sensacional".

É isso, eu acho que é isso, e a partir disso você aprende a agradecer, você aprende o dom da gratidão, que é uma coisa espetacular. (...), mas agradece isso todo dia? Agradece todo dia, porque é privilégio muito grande, minha cabeça é uma cabeça boa, agradece a cabeça porque isso faz parte dessa pedagogia da vida vivida, é na experiência do dia a dia. E quando a gente morre, volta para o útero, para nascer de novo. A iniciação traz isso para gente, uma outra forma de se entender e de ser e estar no mundo. (...)

Eu li um texto do Luiz Mott, até muito mal falado, tem várias

discussões na historiografia sobre esse texto, que é um texto que ele recupera a história da Casa da Torre, em Salvador, da família Garcia D'Ávila e as formas como essa família, o homem dessa família, o tal do Garcia D'Ávila, torturava os homens, as mulheres e as crianças que viviam assenzalados. (...) É um texto que eu não recomendo que as pessoas leiam porque é de uma brutalidade, de uma crueza, muito difícil.

Foi esse texto que me fez pensar o que fez com que as pessoas não sucumbissem, o que fez com que a gente não perdesse o brilho, não perdesse a revolta, não perdesse a vontade de mudar as coisas, o que fez com que a gente em uma situação de tamanha violência, de tamanha brutalidade...

E eu não consigo dissociar isso das práticas ancestrais, das nossas medicinas ancestrais, das nossas didáticas ancestrais, do autocontrole, autoconhecimento. Então, para mim, os terreiros tiveram e têm uma função fundamental na manutenção da saúde mental mesmo e da saúde corporal, das formas da gente entender o mundo. Porque orixá não está fora, orixá está dentro da gente. Nasce com a gente e morre com a gente. E a iniciação faz com que ele se expanda. Eu ouvia do meu pai: "Rosiane, para! Você não tem controle de nada". E hoje eu entendo o que é, fui conduzida a vida toda. Eu fiz escolhas que eu

jamais saberia que seriam possíveis. Em outros momentos, eu deixei de fazer escolhas e escolhi da mesma forma. E me apareceram problemas que eu achei que eu não conseguiria enfrentar e eu os ultrapassei. Aí você olha para trás e diz assim: "nossa, se fosse eu sozinha não dava conta de um milésimo".

Yemanjá, para mim, eu não consigo pensar a minha vida sem Yemanjá, não consigo. Eu não consigo me pensar sem que eu acordasse de manhã sem a certeza de que Yemanjá me conduz. Porque quem sou eu para ter sabedoria para conduzir uma família, esse monte de cabeça doida das pessoas? Não sou eu, gente, a gente é só instrumento nesse negócio, a gente é poeira cósmica, é a gotinha, é uma molécula da gota do oceano. Se não fosse Yemanjá na minha vida, se não fosse Exu a me conduzir os caminhos, se não fosse Yemanjá a conduzir meu Ori, eu não teria dado conta dessas coisas todas, eu não teria, não tem condição.

Então é isso, eu acho que é a gente pensar o tamanho da nossa capacidade de atuação, pensar que nós somos instrumentos, que a gente decide muito poucas coisas. A gente faz muita coisa, mas a gente decide muito pouca coisa, nem tudo está ao nosso alcance e claro que a gente está ali pronto para a batalha: "Mamãe, estou aqui, o que é para fazer?" "Ah, é para fazer isso". Mas sabendo que muitas vezes a solução não está na nossa mão, o controle

não está na nossa mão, não tem mesmo.

É, gente, o que você controla? Controla nada, isso é uma bobagem, é uma ilusão, que tem a ver com a forma egóica, no centro, antropocêntrica, o homem no centro. Nada disso. Bobagem. Você vê, as pessoas querem sucesso. Sucesso é relativo, riqueza, prosperidade é relativo. Prosperidade para mim é pegar um quilo de arroz e alimentar 50 pessoas. Riqueza é você dizer assim: "nossa, todas as pessoas que me rodeiam têm saúde, estão bem, estão empregadas". Isso é riqueza, gente. O que a gente leva desse negócio? Por isso é tão importante manter essa capacidade memorial, de memória, por que o que você leva? São as memórias que você deixa. É isso. É simples.

Terreiro ensina a gente a viver, minha filha. É uma didática que é a da experiência da vida vivida.

Considerações finais

A construção deste artigo teve muito estudo, pesquisa e, principalmente, axé! Como eu disse anteriormente, acredito que este trabalho começa a ser escrito quando meus ancestrais não sucumbiram à colonização e preservaram o culto aos orixás, voduns e ninkisis em terras brasileiras. Nossa resistência é tão forte que nós, a partir do terreiro,

formamos uma nova estrutura de família para nos ajudar a sobreviver nessa nova realidade.

O trabalho teve como objetivo investigar o terreiro como um espaço de educação e como um lugar que produz uma narrativa da história do povo preto no Brasil, identificando como ocorreu na diáspora africana a resistência à escravidão e à dominação no Candomblé, assim como processos de transmissão de saberes e de afirmação da identidade negra.

A intenção era, a partir das reflexões sobre o terreiro e seus processos educativos, que este estudo pudesse se constituir em uma das referências para os estudos da educação para as relações étnico-raciais. A proposta também é que esta pesquisa possa fazer com que as pessoas conheçam um pouco mais a cultura dos terreiros, que tenham curiosidade e que queiram se desconstruir sobre as religiões de matrizes africanas.

Apresentei, desde o início, minhas implicações com o estudo e durante todo o trabalho, a partir do conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, mostrei que aqui

estão a pesquisadora, a abian, a menina que frequentava o terreiro e a escola na infância. Não havia como construir esse trabalho apenas de fora do terreiro, entendo que enquanto pessoa de candomblé tenho responsabilidade com tudo que falo e com as informações aqui contidas.

Enquanto pessoa não-iniciada e pesquisadora, senti a necessidade de chamar para o trabalho uma *mais velha*, para escutá-la e com ela aprender mais sobre Candomblé, sobre educação e sobre a vida. E Mãe Rosiane foi o refresco de mãe Yemanjá no trabalho. Sua doçura e firmeza me fizeram pensar em questões que eu ainda não conseguia identificar. Como exemplo, a dimensão educativa da disciplina dos preceitos que acompanham os processos iniciáticos como forma de sobrevivência e de (re)existência de pessoas negras em uma sociedade racista. Ela afirma a educação dos terreiros para fortalecimento da autoestima e para enfrentamento das adversidades. Além de afirmar o grande ensinamento do Candomblé para a vida, de que *se existe uma coisa imutável na vida, é que tudo muda*.

Mãe Rosiane trouxe ainda conhecimentos sobre ancestralidade, sobre infância, sobre questões que perpassam o candomblé, como a apropriação cultural, sob a forma de um *candomblé vegano*, e o fato de o candomblé não ser uma religião expansionista, sobre a *laicidade cristã* de nossa sociedade. Foram muitos os ensinamentos e as questões levantadas por Mãe Rosiane, mas fiz a opção de priorizar especialmente o diálogo sobre os processos educativos dos terreiros, o racismo e a escola.

Procurei fundamentar o trabalho em diálogo também com autoras/es como Luiz Rufino e como Luiz Antônio Simas, com as encruzilhadas, os rodopios e a ciência encantada das macumbas. E para ensaiar e ousar na metodologia da pesquisa com o exercício da cambonagem. O conceito de pesquisador-cambono foi essencial para o tratamento dado à entrevista. A escolha da entrevista ser colocada praticamente na íntegra, para que a fala de Mãe Rosiane tivesse escuta e para que a oralidade pudesse ser grafada, constituíram o exercício de cambonagem. Em um rodopio, tentei trabalhar com Mãe Rosiane como sujeito do conhecimento e não como

objeto ou informante da pesquisa. Optei por não recortar sua fala, usando-a apenas para "ilustrar" categorias e conceitos emergentes na análise da entrevista. Fundamentais para isso foram ainda as discussões sobre oralidade e oralitura, com Hampt- Bá e com a Afrografia de Leda Maria Martins.

Para finalizar, é necessário sim falar mais uma vez sobre o racismo e como ele nos afeta enquanto praticantes de religiões de matriz africana. Durante o período de realização deste trabalho ocorreram diversos casos de ataques a terreiros e a criminalização da maternidade de mulheres que optaram por iniciar seus filhos no Candomblé, perdendo a sua guarda. Ouvir isso e vivenciar é muito sofrido, confesso, mas espero que a entrega deste trabalho contribua para que nós consigamos enxergar um novo horizonte para nossas crianças, nossos mais velhos e para a pavimentação de caminhos para uma educação antirracista.

Quando Mãe Rosiane nos faz refletir sobre como o Candomblé nos ajuda a lidar com as mudanças, as reviravoltas, nós conseguimos entender que apesar de não termos o

controle de tudo, nossa fé nos deu força para encarar todo o sofrimento que nos atravessa há séculos. Esse trabalho não quer converter ninguém ao candomblé, mas penso ser importante entender como a fé constitui o povo preto desde os tempos da escravidão para que possamos ressignificar a vida.

Uma vez escutei de uma mais velha que mulheres de Oxum gestam mudanças. Espero ter parido junto com esta pesquisa uma escola mais democrática, inclusiva e diversa. AXÊ!

Referências

ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: ISKANDER, Z. (org.). *História Geral da África*. Vol 1. São Paulo: Ática, Unesco, 1980.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra 2020.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). *Decolonialidade e pensamento*

afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrivivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte. 2020.

EVARISTO, Conceição. *Escrivivência*. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=1255s>. Acesso em: 04 out. 2020.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrivivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte. 2020.

FERREIRA, Marta. Caderno/Diários de Asé: escritas de candomblé. Recôncavo: *Revista de História da UNIABEU*, v. 3, n. 5, 2013.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: O Reinado do Rosário da Jatobá*. [S. l.: s. n.], 2021.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? *Revista da ABPN*, v. 4, n. 8, 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246>. Acesso em: 30 abr. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RUFINO, L.; SIMAS, Luiz Antônio. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTOS, Gustavo A. O. O Existir na Pele Preta: contribuições de Fanon para a Psicologia Existencial. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, v. 2, n. 2, p. 256-264, 2021. Disponível em: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/127>

SILVA, Cátia Candido; BORGES, Fabrícia Teixeira. O professor de tradição iorubá e a Pedagogia de Terreiro: uma proposição de educação antirracista. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 198-208 (36-46), abr. 2021. Disponível em: <http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/1065>. Acesso em: 30 abr. 2021

SIMAS, Luiz Antônio. *Soneto 32*. Rio de Janeiro. 21 de julho de 2021. Instagram: @luizantoniosimas. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQZ-mY2pe1s/?igshid=MmJiY2l4NDBkZg%3D%3D>. Acesso em: 25 maio 2023.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: A forma social negra-brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2019.